



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

ENQUADRAMENTOS, VALÊNCIAS E TEMÁTICA: REDE GLOBO E SEUS TELEJORNALIS NA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2010

Emanuel Freitas da Silva

Mestrando PGCS-UFRN

emanuelfreitas@gmail.com

1-INTRODUÇÃO

As eleições presidenciais no Brasil mobilizam a sociedade em seu conjunto, constituindo-se como um momento especial em que evidencia-se o papel da imprensa, seja "comunicando", seja "formando" a opinião pública. O pleito de 2010, decidido em segundo turno, mostrou-se como um momento inesperado de competitividade. Pode-se sustentar tal idéia constatando-se que, imediatamente antes do momento eleitoral (e também durante ele), as taxas de popularidade do então presidente Luis Inácio Lula da Silva era alta; mesmo assim a disputa foi decidida em segundo turno. Parte disso deve-se à performance da candidata Marina Silva (PV), parte deve-se à “questão religiosa” que deu rumo à campanha, e parte deve-se à influência midiática no processo. Tudo isso requer, seguramente, pesquisas mais apuradas. Aqui, será feito um recorte no que tange ao papel desempenhado pela mídia e, mais especificamente, aos telejornais da Rede Globo de Televisão.

Foram os seguintes os candidatos à presidente em 2010: Dilma Roussef (PT), José Serra (PSDB), Marina Silva (PV), Plínio Sampaio (PSOL), Ruy Pimenta (PCO), José Maria Eymael (PSDC), Ivan Pinheiro (PCB), Levy Fidélis (PRTB) e Zé Maria (PSTU). Uma vez que o *corpus* de análise desta pesquisa é o material colhido nas entrevistas realizadas nos telejornais da Rede Globo, cumpre fazer o seguinte esclarecimento: somente os três primeiros candidatos foram entrevistados nos telejornais, por um tempo que variou entre 12 minutos (Jornal Nacional) e 20 minutos (Jornal da Globo). Aos demais, a emissora dedicou pouco mais três minutos no *Jornal Nacional*, gerando um protesto do candidato Plínio de Arruda quando de sua entrevista,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

e que a emissora, num intuito de parecer-se “democrática”, levou ao ar em rede nacional e transcreveu em sua página na internet:

Plínio conversou no Rio de Janeiro com o repórter Tonico Ferreira. Ele falou sobre seus planos de governo. Mas, antes, fez uma reclamação: "Eu sou um viajante de avião de classe econômica. Sempre fui. Nunca reclamei. Mas agora eu preciso fazer uma reclamação na Globo. A Globo inventou para o debate presidencial a classe executiva, com os candidatos chapa branca. E a classe que não tem a bancada, que não tem os 12 minutos, para o candidato do PSOL. Essa reclamação você leva lá".

O Jornal Nacional informou que o critério da TV Globo foi entrevistar, na bancada dos telejornais, em 12 minutos, os candidatos de partidos com representação na Câmara que tenham ao menos 3% das intenções de voto nas pesquisas eleitorais, sem considerar a margem de erro. (disponível em <http://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/noticia/2010/08/plinio-sampaio-e-entrevistado-pelo-jornal-nacional.html>. acesso em 28/05/2011)

Mesmo não pontuando tão satisfatoriamente nas pesquisas posteriores, o candidato foi convidado pela emissora para fazer-se presente no debate realizado com os outros três candidatos melhor colocados nas pesquisas. Feitas estas considerações iniciais, cumpre agora tecer algumas considerações sobre as relações entre mídia e política, com ênfase ao caso brasileiro.

2-MÍDIA E POLÍTICA: CAMPOS DISTINTOS, PROXIMIDADE SELADA

Configura-se como lugar comum a consideração de que o advento dos meios de comunicação, bem como seu contínuo desenvolvimento, alterou profundamente a política. De tal forma que, sem dúvida, a compreensão devida de uma eleição (particularmente uma eleição presidencial) passa por uma devida atenção aos efeitos daquilo que foi noticiado pela mídia e de seus posicionamentos. Isso porque a mídia vai cada vez mais tornando-se indispensável à política. Em sua atuação diária, a mídia funciona com o intuito de “esclarecer” e “orientar” o seu público quanto àquilo que julga ser de interesse geral, mais do que isso, com aquilo que julga ser o interesse geral, levando seu público por aquilo que julga serem as grandes questões a serem consideradas. Isso se percebe, de maneira mais clara ainda, quando dos momentos eleitorais.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Num ambiente em que a mídia desempenha papel tão importante, espaço esse que alguns nomeiam como “*idade média*” (RUBIM, 2004, p.19), cumpre aos atores políticos buscarem sempre mais uma existência pública engendrada pela “luta político-midiática” (*Idem, ibidem*), ou seja, “se torna indispensável que o ator político ganhe existência em uma dimensão pública essencial da contemporaneidade: a rede de espaços midiáticos”.

Mas, se cabe aos atores políticos lutarem pela conquista de uma sua visibilidade nos espaços midiáticos, a mídia atua cada vez mais por meio de enquadramentos, descrevendo o mundo de tal forma que atingem um grau de confiabilidade sem precedentes em suas descrições. É aqui que podemos introduzir o conceito de *agenda setting*, definido por Walter Lippmann (1922), como uma das formas mais eficazes de incidência da mídia, que vai atuando por seleções, disposição de incidência de notícias e comentários visando determinar os temas sobre os quais o público falará e discutirá. Tais temas passam a configurar o interesse coletivo. Assim é que a imprensa vai derivando seu poder de uma habilidade que lhe é própria: a de definir o que é e o que não é notícia, selecionando temas que merecerão a atenção do público, servindo ela mesma como um canal sistemático de poder. Ao selecionar, pois, a mídia gera interpretação e avaliação moral do fato ao qual deu destaque.

O enquadramento operado pela mídia obedece, ainda, a um outro ditame: a busca pela audiência. Assim, é praxe que a cobertura midiática incite e enfatize os conflitos existentes entre os candidatos, bem como aquilo que parece-lhe configurar-se como “contradições” em uma mesma candidatura. Se é próprio da política ser um “campo de forças e campo de lutas” (BOURDIEU, 1999, p.187), ao fazer uma “devida cobertura” dos fatos políticos, a mídia vai apresentando o permanente conflito, bem como as hostilidades, oposições e contradições próprias aos candidatos.

Ao início de cada uma das entrevistas o apresentador do telejornal deixava claro a intenção da emissora em abordar “questões polêmicas e o desempenho do candidato em cargos públicos que já tenha ocupado”. Assim, percebemos que



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Isso interessa ao jornalismo porque ele é uma atividade dependente da audiência, precisa seduzir, capturar a atenção, impactar, vender. Por isso instiga o conflito, traz personagens políticas para a arena, convoca-as em acusações e respostas sucessivas, ataques e defesas, desafios e reações. Se há oposições latentes na política, o jornalismo as promove, se não as há, ele incita antagonismos e enfrentamentos. Alimenta o confronto em sucessivas afirmações e desmentidos das fontes, promove hostilidades, exacerba os conflitos. (MIGUEL, 2010, p.149).

Nesse sentido, a análise aqui realizada caminha no sentido de compreender o processo eleitoral de 2010 como um momento em que os três principais candidatos (Dilma, Serra e Marina) ao serem entrevistados nos telejornais da Rede Globo, travaram com seus jornalistas uma disputa pela interpretação dos fatos por ele apresentados. Aqui, porém, centraremos a análise das questões postas pela emissora. Uma disputa gerada pelas perguntas formuladas e as respostas dos candidatos requereria uma outra análise.

Contudo, para isso faz-se necessário a definição dos conceitos com os quais iremos aqui trabalhar. Por *enquadramento* entendemos o ato de “selecionar alguns aspectos da realidade percebida e dar a eles um destaque maior no texto comunicativo” (COLLING, 2000, p.23) Logo, a pergunta que nos norteará será: quais aspectos foram selecionados e destacados pela emissora em cada uma das entrevistas realizadas? Ainda mais uma outra questão: que tipo de enquadramento foi realizado em cada caso? O trabalho com o conceito de enquadramento nos permite avaliar a relação da mídia (no caso, a Rede Globo) com cada um dos atores políticos considerados, percebendo a relação como um instrumento de poder e não, meramente, como uma transmissão de informação.

Um outro conceito aqui trabalhado é o de *valência*. Ao fazermos uso de tal conceito queremos perceber como a entrevista realizada com cada um dos candidatos configurou-se como algo positivo (tratando apenas de suas promessas e de sua campanha), negativo (explorando críticas e ataques dos concorrentes) ou neutra (explorando a candidatura sem avaliação moral ou política). Além disso, analisaremos que temáticas nortearam cada uma das entrevistas.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Cabe ainda aqui destacar a seguinte caracterização da entrevista jornalística feita por Patrick Charaudeau (2007, p.214-215). Segundo o autor, há um “contrato midiático” entre três personagens: o entrevistador (que procura “revelar uma verdade oculta”), o entrevistado (que age como quem tem “algo a dizer que concerne ao bem comum”) e o telespectador (que está ali “para ouvir alguma coisa de interesse geral”). Como se pode perceber esse contrato nas entrevistas analisadas? Além disso, o autor define a “entrevista política” como aquela que se caracteriza “pelo propósito de concernir à vida cidadã e pela identidade do entrevistado” (*Idem, ibidem*). Assim, pois, seguindo a definição do autor, compreenderemos em que medida a atuação dos jornalistas deu-se no intuito de “fazer aparecer as intenções ocultas” dos candidatos (e em que medida); encenando um “jogo de questionamento sutil”.

3-ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

3.1. PRIMEIRO TURNO

As entrevistas realizadas pela Rede Globo durante o primeiro turno foram realizadas na seguinte ordem cronológicas:

Jornal Nacional - tempo de 12 minutos, 1 bloco, ao vivo, entrevistas realizadas por William Bonner e Fátima Bernardes: 09/08/2010 (Dilma Rousseff), 10/08/2010 (Marina Silva) e 11/08/2010 (José Serra).

Jornal da Globo – tempo de 20 minutos, 2 blocos, ao vivo, entrevistas realizadas por Cristiane Pelajo e William Waack: 30/08/2010 (Dilma), 31/08/2010 (Serra) e 01/09/2010 (Marina).

Bom Dia Brasil – tempo de 20 minutos, 2 blocos, gravado, entrevistas realizadas por Miriam Leitão, Renato Machado e Renata Vasconcelos: 20/09/2010 (Marina), 21/09/2010 (Dilma) e 22/09/2010 (Serra).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

3.1.1. JORNAL NACIONAL

3.1.1.1. Dilma Rouseff:

Foram-lhe feitas 21 perguntas/intervenções, sendo 5 perguntas sobre política, 1 sobre a campanha, 4 sobre sua personalidade, 3 sobre economia, e 2 sobre saneamento básico. A temática dominante foi sua dificuldade em governar o país sem a “tutela” de Lula, numa clara insistência em que o telespectador a percebesse como “feita” por Lula. Isso é perceptível logo na primeira pergunta:

William Bonner: Candidata, o seu nome como candidata do PT à Presidência foi indicado diretamente pelo presidente Lula, ele não esconde isso de ninguém. Algumas pessoas criticaram, disseram que foi uma medida autoritária, por não ter ouvido as bases do PT. Por outro lado, a senhora não tem experiência eleitoral nenhuma até este momento. A senhora se considera preparada para governar o Brasil longe do presidente Lula? (...) de alguma maneira a senhora acha que isso poderia fazer com que o eleitor a enxergasse ou enxergasse o presidente Lula atualmente como um tutor de seu governo, casoeleita?(Disponível em <http://g1.globo.com/especiais/eleicoes2010/noticia/2010/08/dilma-rousseff-e-entrevistada-pelo-jornal-nacional.html>. Acesso em 28/05/2011)

Uma outra tentativa de desqualificação da candidata foi posta em ação ao tratar da personalidade de Dilma Rouseff:

Fátima Bernardes: A senhora falou de temperamento. Alguns críticos, muitos críticos e alguns até aliados falam que a senhora tem um temperamento difícil. O que a gente espera de um presidente é que ele, entre outras coisas, seja capaz de fazer alianças, de negociar, ter habilidade política para fazer acordos. A senhora de que forma pretende que esse temperamento que dizem ser duro e difícil não interfira no seu governo caso eleita? (...)O próprio presidente Lula, este ano, em discurso durante uma cerimônia de posse de ministros, ele chegou a dizer que achava até natural haver queixas contra a senhora, mas que ele recebeu na sala dele várias pessoas, colegas, ex-ministros, ministros, que iam lá se queixar que a senhora maltratava eles. (...) **William Bonner:** O presidente falou em maltratar, não é, candidata? **Dilma Rouseff:** Não, o presidente não falou em maltratar, o presidente falou que eu era dura. **William Bonner:** Não, ele disse isso. A senhora me perdoe, mas o discurso dele está disponível. Ele disse assim: as pessoas diziam que foram maltratadas pela senhora (*Idem, ibidem*).

Entendemos, pois, que a entrevista de Dilma Rouseff foi marcadamente tendenciosa, com o intuito de inscrever a candidata de maneira negativa a partir da escolha das temáticas abordadas na entrevista, num enquadramento que destacou aspectos da candidata (personalidade, falta de comando da campanha, temperamento)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

como aqueles essenciais para a compreensão do eleitor. Assim, a entrevista apresentou uma valência negativa de Dilma, produzindo ressalvas e críticas ao seu nome e à sua campanha. Foi assim que a comentarista de política da Rádio CBN, Lúcia Hippolito, referiu-se à entrevista:

Foi frustrante (...) ela explicando que não tem temperamento forte, não, que ela parece uma mãe que cuida, que ela parece uma dona de casa. Totalmente nervosa, suave muito, muito, muito (...) Botou a Baixada Santista no Rio de Janeiro (...) ela perdeu muito tempo falando em governo Fernando Henrique (...) Foi mal aproveitado o tempo que ela teve ali. (Disponível em <http://cbn.globoradio.globo.com/Player/player.htm?audio=2010%2Fcolunas%2FLucia100810&OASsitepage=cbn%2Fcomentarios%2FLuciahippolito%2Fplayer>. Acesso em 28/05/2011).

3.1.1.2. Marina Silva:

Foram-lhe feitas 23 perguntas/intervenções, sendo 3 perguntas sobre política, 3 sobre a campanha e 5 sobre o “escândalo do mensalão”. A temática da entrevista, assim, foi a sua “falta de experiência administrativa” em outras áreas, que não a ambiental, e seu pouco “desconforto ético” ao não sair do PT quando estourou o referido escândalo. Segundo Bonner, Marina “não veio a público para fazer uma condenação veemente daquele desvio moral de alguns integrantes do PT”, o que levava a interpretar seu “silêncio naquela ocasião”, em 2005, “como uma conivência com aqueles desmandos”. Assim, se houve desconforto ético para Marina, “não foi suficientemente forte para levá-la a deixar o cargo de ministra.

Marina, aqui, aparece negativamente como a candidata com vida política “especificamente” orientada (no caso, para o meio ambiente), sem qualificações administrativas e ainda teve de responder sobre o “esquema do mensalão”, mesmo não sendo a candidata do PT. Como na entrevista com Dilma, também a de Marina foi marcada por momento de tensão com William Bonner, que muitas vezes não permitiu que a candidata concluísse suas respostas. Apesar disso, Marina foi elogiada por Lúcia Hippolito na Rádio CBN:

(...) Marina foi muito bem, muito assertiva, os entrevistadores foram muito duros com ela na questão do mensalão. Ela foi muito bem na aparição e ocupou todo o espaço que lhe foi dado para se expor ao eleitorado (Disponível em <http://cbn.globoradio.globo.com/Player/player.htm?audio=2010%2Fcolunas>



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

[%2Flucia100811&OASsitepage=cbn%2Fcomentarios%2Fluciahippolito%2Fplayer](#). Acesso em 28/05/2001).

3.1.1.3. José Serra

Foram-lhe feitas 22 perguntas/intervenções, sendo 1 pergunta sobre política, 7 sobre a campanha, 1 sobre sua personalidade, 1 sobre estradas e 2 sobre o “mensalão do DEM”. A temática dominante foi a falta de uma postura de oposição em relação ao governo Lula. O “mensalão petista” voltou a ser tema da entrevista ao questionar-se o candidato se não havia desconforto em coligar-se com o PTB de Roberto Jefferson, réu no processo do referido esquema.

Compreendemos que a entrevista teve uma valência neutra, uma vez que caminhou para um viés pedagógico, de “consertar” o que estava errado na sua campanha: a falta de oposição a Lula e a falta de uma defesa ao governo FHC. Isso voltará nas outras entrevistas. Segundo Bonner, Serra estava evitando “críticas ao presidente Lula”, fazendo a seguinte indagação: “o senhor acha que essa é a postura que o eleitor espera de um candidato da oposição?”. A falta de uma devida comparação, da parte de Serra, entre Lula e FHC é sugerida na seguinte indagação: “O senhor evita uma comparação de governos, por quê, entre o governo atual e o governo anterior?”. Assim, na análise de Lúcia Hippolito, Serra

(...) foi muito bem, muito bem, como era de se esperar. Surpresa é se tivesse ido mal, afinal Serra já deve ter umas 10 eleições disputadas (...) Ele tem prática, tava muito tranquilo, muito bem (...) não entrou na conversa de disputar com Lula, porque afinal Lula não é candidato e sim Dilma. A estratégia toda foi se voltar para o futuro, mostrar o que quer fazer. Ele foi muito bem na entrevista. (Disponível em http://cbn.globoradio.globo.com/Player/player.htm?audio=2010%2Fcolunas%2Flucia_100812&OAS_sitepage=cbn%2Fcomentarios%2Fluciahippolito%2Fplayer. Acesso em 28/05/2011)

Ao contrário das duas entrevistas anteriores, pode-se aqui perceber uma maior cordialidade entre os apresentadores e o entrevistado. Serra consegue responder integralmente as perguntas e, quando não, é interrompido por expressões como “o senhor me permita”, “me perdoe, me perdoe”. A postura diferenciada da emissora gerou muitas manifestações no meio político, a indicar de que haveria uma certa



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

“cordialidade” e “imparcialidade. Assim, a emissora viu-se obrigada a divulgar nota reafirmando sua objetividade na realização das entrevistas:

Desde 2002, as entrevistas têm o mesmo tom, com todos os candidatos. Neste ano, não foi diferente. Basta comparar as entrevistas dos três candidatos, pergunta por pergunta, para perceber que tiveram o mesmo grau de dificuldade. Apesar disso, militantes do PT reclamaram da entrevista de Dilma, militantes do PV reclamaram da entrevista de Marina e militantes do PSDB reclamaram da entrevista de Serra. Até nisso, houve equilíbrio. A candidata do PT Dilma Rousseff disse à equipe do "Jornal Nacional", depois da entrevista, que se sentiu muito bem tratada e que a entrevista foi como deveria ter sido. Marina Silva e José Serra também fizeram comentários semelhantes. O papel do jornalismo da TV Globo não é agradar a partidos nem a candidatos, sejam quais forem, mas tentar esclarecer questões importantes para que os eleitores possam decidir melhor. (Disponível em <http://www.globo.com>. Acesso em 28/05/2011).

3.1.2. BOM DIA BRASIL

3.1.2.1. Marina Silva

Foram-lhe feitas 22 perguntas/intervenções, sendo 13 perguntas sobre política (com ênfase em sua dificuldade para fazer alianças para as eleições e a repercussão disso para a montagem do governo), 1 sobre a campanha e 7 sobre economia. A valência foi negativa ao mostrar Marina como despreparada, bem como apresentando as propostas de Marina como algo a ser colocado no plano do “irrealizável”. A temática dominante foi a economia, e nesse sentido muitos números foram apresentados no intuito de desqualificar sua plataforma de campanha.

A capacidade política de Marina é contestada na seguinte indagação: “como é que a senhora espera conseguir apoio para fazer todas essas mudanças que a senhora... apoio no Congresso, apoio político... para fazer todas essas mudanças que a senhora está enumerando?”. Um momento tenso da entrevista dá-se quando Marina é questionada a falar sobre sua saída do Ministério do Meio Ambiente e, ao falar da pressão que o governo sofria do governador do Mato Grosso (Blairo Maggi), Marina é forçada a declarar que Lula havia cedido às pressões:

Miriam - Mas saiu porque o governador pensava diferente? **Marina** – Não, Miriam, presta atenção. O governador estava pressionando diretamente o presidente da República. Eu sempre digo... **Miriam** - E o presidente cedeu? **Marina** - Eu sempre digo.. Eu estava em uma situação em que eu percebia



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

que estava sendo retirado o apoio para mim. O Mangabeira pressionava, o Blairo Maggi, o governador de Rondônia, o Stephanes estava pressionando. (Disponível em <http://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/noticia/2010/09/marina-e-entrevistada-pelo-bom-dia-brasil.html>. Acesso em 28/05/2011).

3.1.2.2. Dilma Rouseff

Foram-lhe feitas 22 perguntas/intervenções, sendo 6 sobre política (com ênfase numa análise negativa do governo Lula- “então, por que em oito anos de governo o presidente Lula e a senhora não fizeram a reforma tributária?”), 3 sobre a campanha (mostrando dificuldades em acreditar na realização de suas promessas de campanha, pois, segundo os jornalistas, Dilma prometia fazer em 4 anos o que Lula não havia feito em 8 – “por que o governo não fez em oito anos o que a senhora está prometendo fazer em quatro?”), 4 sobre economia, 1 sobre saneamento básico (repetindo a pergunta feita no JN) e 5 sobre o “caso Erenice”. A valência negativa é percebida na exploração das denúncias de corrupção na Casa Civil e na tentativa de mostrar Dilma como “omissa” ao permitir que o caso se desenvolvesse:

Renato Machado – A senhora trabalhou durante mais de sete anos com a ex-ministra da Casa Civil, Erenice Guerra. Ela foi seu braço direito. A senhora nunca notou nenhuma irregularidade? (...) A senhora nunca reparou nada? (Disponível em <http://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/noticia/2010/09/dilma-e-entrevistada-pelo-bom-dia-brasil.html>. Acesso em 28/05/2011).

3.1.2.3. José Serra

Foram-lhe feitas 33 perguntas/intervenções, sendo 9 sobre a campanha (no mesmo estilo do JN: compreender dificuldades de sua campanha, tendo a entrevista um tom de “correção de rumos” a ser proposto: “candidato, o senhor mostrou muita hesitação nessa campanha. Foi o último a se dizer candidato, foi o último a anunciar o vice”; e, novamente, o fato de Serra não mostrar FHC como um erro de campanha: “muitos dos seus aliados criticam a sua postura nessa campanha porque dizem que o senhor não defende, como deveria, os oito anos do governo Fernando Henrique Cardoso e prefere, por exemplo, por a imagem do presidente Lula, inclusive na sua propaganda



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

de TV”), 10 sobre economia, 1 sobre sua experiência como prefeito e governador. A temática principal ficou sendo, novamente, os rumos da campanha de Serra. O tom cordial pode ser percebido em vários momentos, particularmente nas diversas oportunidades dadas ao candidato para concluir seus pensamentos, bem como em diversas expressões dos jornalistas em concordância com os apontamentos do candidato:

Renata – Mas candidato, só para a gente poder entender justamente nessa questão. No governo de São Paulo o senhor prometeu reduzir o número de professores temporários, por exemplo, aqueles que não podem se dedicar.

Serra – Mas espera um pouquinho, eu não posso deixar de concluir essa resposta. **Renata** – Pois não. (Disponível em

<http://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/noticia/2010/09/serra-e-entrevistado-pelo-bom-dia-brasil.html>. Acesso em 28/05/2011).

3.1.3. JORNAL DA GLOBO

3.1.3.1. Dilma Roussef

Foram-lhe feitas 33 perguntas/intervenções, sendo 1 pergunta sobre política, 3 sobre a campanha, 1 sobre sua personalidade, 8 sobre economia, 3 sobre o seu passado, 2 sobre as FARC’s e 3 sobre escândalos políticos do PT (ao apontar que “petistas envolvidos em escândalos” estavam na coordenação de sua campanha, chegando mesmo a fazer um duro questionamento: “a senhora não vê problemas em trazer de volta à política uma pessoa que teve direitos políticos cassados?”). Dilma, logo de início, foi desqualificada ao sugerir-se que ela teria passado “até talvez por não ter disputado nenhuma eleição até agora - por uma grande transformação física. Cabelo, roupa, o jeito de falar”, ou seja, o intuito era mostrar aquela Dilma que ali estava como alguém que havia sido “*transformada*” em candidata. Negativamente posta em valência, em dois momentos a entrevista foi claramente conduzida para provocar uma declaração de Dilma que a pusesse contra Lula:

William Waack: Candidata, a senhora tem uma longa história política. A senhora foi torturada durante a ditadura militar. Como é que a senhora se sentiu quando ouviu o presidente Lula comparar presos de consciência em Cuba a bandidos em São Paulo? (...) **Christiane Pelajo:** Candidata, vamos mudar um pouco de assunto. O Brasil investe muito pouco em relação ao PIB e os investimentos dependem basicamente de Petrobrás e setor privado. Por que o governo Lula não conseguiu investir?**Dilma Rousseff:** Eu não



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

concordo com a afirmação. Acho que houve um esforço extraordinário do governo Lula para investimento. (...) **William Waack:** Candidata, parece haver um consenso, a senhora é economista, e parece haver um consenso entre os economistas. Primeiro: porque a nossa taxa de investimento é muito baixa em relação ao PIB.... **Dilma Rousseff:** Eu concordo...**William Waack:**A senhora faz parte desse consenso.**Dilma Rousseff:** Concordo... (Disponível em <http://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/noticia/2010/08/dilma-rousseff-e-entrevistada-pelo-jornal-da-globo.html>. Acesso em 28/05/2011)

3.1.3.2. José Serra

Foram-lhe feitas 22 perguntas/intervenções, sendo 2 perguntas sobre política, 9 sobre a campanha (novamente a insistência no erro de Serra em não firmar-se com uma postura de oposição a Lula – “alguns analistas dizem que a campanha do senhor nem parece de oposição. O senhor chegou a colocar uma foto sua ao lado do presidente Lula, exibir isso na televisão”, “candidato, é evidente que nós estamos discutindo aqui as suas táticas eleitorais”), 7 sobre economia (indagando-o o por quê de sua omissão em defender as privatizações do governo FHC), 1 sobre o seu passado e 4 sobre escândalos políticos envolvendo o “mensalão do DEM”. A cordialidade é novamente percebida com palavras dirigidas a Serra, tais como: “posso completar a pergunta?”, “posso pedir sua licença?”, “o senhor me permite insistir?”. Serra, assim, é produzido como um candidato tranqüilo, que a tudo responde, mas que estaria errante ao não tomar uma posição mais oposicionista a Dilma e ao governo Lula.

3.1.3.3. Marina Silva

Foram-lhe feitas 28 perguntas/intervenções, sendo 11 perguntas sobre política (que versaram, predominantemente, sobre o paradoxo apresentado assim: como explicar o fato de Marina e o PT há tanto tempo “dominarem” a cena política no Acre e o estado ser tão pouco desenvolvido?), 2 sobre a campanha, 3 sobre economia e 2 sobre o seu passado. A temática principal da entrevista foi o desenrolar de sua campanha, apresentada como em “grande dificuldades” e “poucos recursos”. A valência que recai sobre Marina é negativa, ainda mais pelo fato de sua atuação à frente do Ministério do Meio Ambiente ser apresentada como tendo produzido uma situação de “ilegalidade” para vários produtores rurais.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

3.2. SEGUNDO TURNO

No segundo turno da eleição presidencial, disputado entre Dilma Roussef (que no primeiro turno recebera 47.651.434 votos válidos, ou 46,91%) e José Serra (que recebera 33.132.283 votos válidos, ou 33,61%), somente o *Jornal Nacional* realizou entrevistas com os candidatos, num tempo de 12 minutos, nos dias 18 e 19 de outubro de 2010. Seguimos com o mesmo formato de análise:

3.2.1 Dilma Roussef

Foram-lhe feitas 11 perguntas/intervenções, girando em torno da posição de Dilma em relação ao aborto e ao casamento de homossexuais, enfatizando sua mudança de opinião, o “caso Erenice” e a entrada de Ciro Gomes na condução da campanha. Assim, a valência negativa é percebida na tentativa de apresentar uma Dilma contraditória, novamente uma Dilma “fabricada”. Foram levadas declarações de Dilma em outros meios de comunicação que “desmentiriam” suas opiniões de então. Uma candidata omissa também emerge das colocações feitas pelos jornalistas:

Dilma Rousseff: A nossa atitude é: nós investigamos e punimos. Por exemplo, no caso da Erenice: eu não concordo com a contratação de parentes e amigos. Sempre fui contrária ao nepotismo. Jamais deixei que se praticasse.
Fátima Bernardes: Mas ele aconteceu.
Dilma Rousseff: Sempre pode acontecer. As pessoas podem errar em vários momentos. Não tem como você saber que a pessoa vai errar ou não a priori. O que você tem de garantir é que haja punição. Por exemplo, eu vou te dar um exemplo.
Fátima Bernardes: A senhora acha que houve alguma falha, por exemplo, na estrutura montada pela senhora na Casa Civil para que esse erro pudesse acontecer? (Disponível em <http://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/noticia/2010/10/dilma-e-entrevistada-pelo-jn.html>. Acesso em 29/05/2011)

Um outro elemento de conflito é posto em cena com a afirmativa de Bonner que Ciro Gomes, agora coordenador da campanha de Dilma, havia dito que “Serra era mais preparado que a senhora”, sendo isso “algo curioso” e de que o “PMDB, partido de seu vice, seria uma quadrilha de assaltantes”; segundo Bonner, Dilma não apresentaria “desconforto com isso”.

3.2.2. José Serra



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Foram-lhe feitas 19 perguntas/intervenções, divididas, como a entrevista de Dilma, em 3 temáticas: o viés religioso dado à disputa por sua campanha, o “caso Paulo Preto” e sua proposta de salário mínimo e B 13º Bolsa-Família. Pensamos que essa tenha sido a entrevista de maior contribuição da emissora ao processo eleitoral e aquela na qual, a nosso ver, esta postou-se de maneira menos parcial, refletindo, de fato, uma inquietação do eleitorado no momento. Segundo Fátima Bernardes, a campanha tucana estaria operando “uma mistura entre religião e política que normalmente não costuma dar certo em lugar nenhum”, que sua campanha estaria falando “insistentemente em Deus”, “mostrado imagens de missas, de cultos religiosos” e indago o candidato com uma salutar pergunta: “isso não contribui assim para um retrocesso no debate político?”

A relação de Serra com Paulo Preto também fez-se presente e foi explorada nos mesmos moldes da relação de Erenice Guerra com Dilma, ressaltando a proximidade dos dois:

William Bonner: Sim, mas eu tenho de observar o seguinte: primeiro, Paulo de Souza tinha um cargo estratégico no seu governo. Era um cargo importante, de grandes obras. E teve uma filha dele, inclusive, contratada pelo senhor tanto na Prefeitura de São Paulo quanto no governo do estado em cargo de confiança. (Disponível em <http://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/noticia/2010/10/serra-e-entrevistado-pelo-jn.html>. Acesso em 28/05/2011).

Também uma contradição de Serra foi apontada pelos jornalistas, e ela dizia respeito ao fato de o candidato que, com seu partido, havia criticado a criação do programa Bolsa-Família, agora estava a defender um “13º Bolsa-Família”, bem como um salário de R\$ 600,00, sem considerar o que estava previsto no orçamento da União.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendíamos aqui apresentar uma série de considerações sobre as entrevistas realizadas pela Rede Globo de Televisão com os três principais candidatos à presidência em 2010. Para isso, nenhum intuito tivemos em nos deter no conteúdo das respostas dos entrevistados, nem em apresentarmos um estudo sistemático da influência que a emissora teve no referido pleito, ou em que medida contribuiu para que a disputa fosse ao segundo turno, mas sim nos detivemos em compreender os jogos de encenação



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

postos pela emissora através de seus jornalistas, procurando observar aí um real interesse em cada uma das entrevistas realizadas. Ao final deste artigo, podemos arriscar algumas palavras e dizer que a emissora cumpriu um importante papel em, ao apresentar os candidatos e ressaltar em cada um algo a ser discutido, fechou o espaço do dizível em cada entrevista, operando o devido enquadramento das referidas candidaturas.

O tratamento dispensado pela emissora aos candidatos pareceu indicar, no primeiro turno, uma tentativa de desclassificação das candidaturas de Dilma Roussef e Marina Silva e, se não uma promoção da candidatura de José Serra, uma cordialidade explícita foi perceptível quando este era o entrevistado. Ressalte-se que a emissora, em todos os seus telejornais, deu uma devida cobertura ao “dia-a-dia” dos candidatos, o que requer uma pesquisa mais apurada para saber se essa cobertura micro operou ou não o privilégio de algum candidato. Quanto à entrevistas realizadas no segundo turno, o único espaço dedicado (o Jornal Nacional) pareceu-nos um espaço um pouco mais equilibrado no que tange ao teor das entrevistas, selecionando aspectos contraditórios e de campanha semelhantes entre os dois candidatos.

5-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Trad: Angela Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.

COLLING, Leandro. **Agendamento, enquadramento e silêncio no Jornal Nacional nas eleições presidenciais de 1998**. 2000. Dissertação de mestrado. UFBA, Salvador.

MIGUEL, Luis Felipe (org). **Mídia, representação e democracia**. São Paulo: HUCITEC, 2010.

_____. **Política e mídia no Brasil**. Episódios de história recente. Brasília: Plano, 2002.

NEVES, Flora. **Telejornalismo e poder nas eleições presidências**. São Paulo: Summus, 2008.

PORTO, Mauro P. **A Pesquisa sobre a recepção e os efeitos da mídia**: Propondo um



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

enfoque integrado. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), Belo Horizonte, Brasil, 2 a 6 de setembro de 2003.

RUBIM, Antonio Albino Canelas (org). **Eleições presidenciais em 2002 no Brasil: ensaios sobre mídia, cultura e política**. São Paulo: Hacker, 2004.



» **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina